

# 1

## ASHER



Não costumo sentir-me ansioso em campo, mas ter os olhos de setenta mil pessoas em cima enquanto te lixam a vida é capaz de dar cabo dos nervos de um gajo.

O suor pingava-me sobre os olhos quando recebi a bola do ala esquerdo. Os gritos da multidão atingiram um tom febril e uma pequena pontada de insegurança invadiu-me as entranhas.

Normalmente, o entusiasmo dos adeptos incentivava-me. Afinal, *sonhara* com momentos como aqueles durante toda a vida. Queria jogar numa equipa profissional, ouvir milhares de pessoas a entoarem o meu nome, ser o jogador que conduzia a equipa para a glória.

Estes momentos significavam que tinha conseguido, que provara que todos os que me criticaram estavam errados. Fi-lo vezes sem conta.

Afinal, eu era o Asher Donovan, porra.

Mas hoje, no último minuto do jogo final da Premier League, sentia-me apenas como o Asher, o jogador mais recente e a transferência mais controversa para o Blackcastle.

Era a minha primeira época com a equipa, o jogo estava empatado e ocupávamos o segundo lugar na classificação geral, atrás do Holchester United.

*Precisávamos* de ganhar para conquistarmos o troféu, mas até agora o jogo tinha sido uma verdadeira série de desastres.

Uma bola intercetada aqui, um penálti falhado acolá. A equipa estava desorganizada e quase conseguia ver a vitória a fugir-nos por entre os dedos.

A frustração aumentou quando tentei passar por entre um verdadeiro enxame de defesas do Holchester. O Bocci, o Lyle, o Kanu — conhecia bem os truques de todos, mas eles também conheciam os meus.

Era este o problema de enfrentar a minha antiga equipa; não tinha onde me esconder.

Sem ver uma saída, passei a bola a outro avançado e tentei ignorar o tempo que se esgotava.

*Quarenta segundos.*

*Trinta e nove.*

*Trinta e oito.*

A bola saltitou entre os jogadores até que, num golpe de sorte e ao mesmo tempo de azar, o Vincent conseguiu a bola e iniciou o contra-ataque.

Sob o peso da minha ansiedade, os gritos da multidão tornaram-se mais graves, um rugido rouco.

*Dezassete.*

*Dezasseis.*

*Quinze.*

Eu estava na posição ideal para receber a bola. Tinha uma linha direta para o golo, mas vi os olhos do Vincent a procurarem no campo por outro colega a quem passar a bola, não importava *quem* fosse.

A minha pulsação acelerou com o passar do tempo.

*Vá lá, cabrão.*

Não *havia* mais ninguém para receber a bola. Naquele momento, eu era o único jogador da nossa equipa com alguma hipótese de marcar. O Vincent deve ter chegado à mesma conclusão, porque com um evidente cerrar do maxilar, chutou finalmente a bola na minha direção.

O entusiasmo da multidão atingiu um nível estridente, mas era demasiado tarde.

Os preciosos segundos de hesitação do Vincent permitiram que o Holchester se reorganizasse e roubasse a bola antes que esta chegasse até mim.

Um gemido coletivo ondulou sobre o campo.

Pestanejei para afastar o suor e tentei concentrar-me, mas os olhares provocadores da minha antiga equipa e as luzes incandescentes

desorientaram-me de uma forma que não sentia desde aquele jogo, há muito, muito tempo.

*Cinco.*

Uma tentativa para tirar a bola fracassou.

*Quatro.*

Imagens dos cabeçalhos dos jornais e reportagens de televisão acenderam-se na minha cabeça. *Traidor. Judas. Vendido.* Valeria a transferência recorde de duzentos e cinquenta milhões de libras ou fora apenas o erro mais caro da história da Premier League?

*Três.*

Milagrosamente, roubei a bola na segunda tentativa.

*Dois.*

Não tinha tempo para pensar.

*Um.*

Chutei à baliza.

A bola passou ao lado enquanto se ouvia o apito final do árbitro, e o estádio ficou tão silencioso que ouvi o sangue a latejar nos meus ouvidos.

A minha equipa estava de pé, atordoada, enquanto os jogadores do Holchester saltavam e gritavam de alegria.

Acabou.

Perdemos.

A minha primeira época no Blackcastle — a mesma em que toda a gente esperava que trouxesse o troféu para casa — terminara e *perdêramos* o campeonato.

O espaço que me rodeava desfocou-se num borrão indistinto de ruído abafado e movimentos difusos, e mal consegui sentir os músculos doridos ou a palmada de consolação que um colega me deu nas costas.

Não senti praticamente nada.



Ninguém falou durante a caminhada até aos balneários, mas o medo era palpável.

Enfrentar a ira do treinador era ainda pior do que perder o jogo, e desta vez mal nos deu tempo para nos sentarmos antes de começar a disparar.

Frank Armstrong era uma lenda no mundo do futebol. Enquanto jogador, nos anos noventa, tornara-se famoso pelos seus muitos *hat tricks*; como treinador, era famoso pela abordagem inovadora da sua liderança e pelo temperamento volátil, sendo que este último estava agora em plena exibição, dizendo-nos poucas e boas.

— É esta a qualidade do vosso jogo? — inquiriu. — É esta a porra da vossa qualidade? Porque se é, digo-vos que não se aproxima nem *remotamente* do nível da Premier League. O vosso jogo foi uma merda!

Falta de foco, um trabalho de equipa deplorável, zero coesão — Frank abordou todos os aspetos que nos atormentavam desde a minha transferência a meio da época, e não era preciso ser um génio para saber a fonte dos problemas.

Enquanto o treinador nos dava o seu sermão, as cabeças dos nossos companheiros não paravam de oscilar entre mim e o Vincent, que estava no lado oposto dos balneários.

Desde que cheguei que a dinâmica da equipa estava lixada. Uma parte devia-se à consequência natural de incorporar um jogador novo num grupo tão coeso, mas a questão substancial relacionava-se com o facto de que eu, o melhor marcador do campeonato, e o Vincent, o capitão da equipa e defesa *extraordinaire*, nos desprezávamos mutuamente.

Jogávamos em posições diferentes, mas a rivalidade era infame.

Ele era o meu único adversário em termos de imprensa, estatuto e patrocínios — coisas importantes no nosso mundo —, mas o maior ponto de conflito resultava do que acontecera no último Campeonato do Mundo.

O mergulho. A briga. O cartão vermelho.

Tentei não pensar nisso. Se pensasse, espetar-lhe-ia um murro na cara e duvidava que o treinador apreciasse o gesto a meio do seu sermão sobre o trabalho de equipa.

— DuBois! Donovan!

Levantei logo a cabeça ao ouvir o meu nome, e o Vincent fez o mesmo.

Aparentemente, o treinador já terminara a sua diatribe, porque o resto da equipa arrastava os pés a caminho do duche, enquanto ele olhava furioso para nós.

— Os dois ao meu gabinete. *Imediatamente*.

Obedecemos sem discutir. Não éramos estúpidos.

— Querem tentar adivinhar por que razão vos chamei aqui, especificamente? — O treinador nem esperou que a porta se fechasse antes de se lançar na segunda parte da reprimenda.

O Vincent e eu continuámos calados.

— Fiz-vos uma pergunta.

— Porque perdemos — respondi. O meu estômago contorceu-se com a palavra *perdemos*.

Todos detestavam perder, mas aquela derrota doía-me especialmente porque havia muita gente a torcer com toda a força para que eu lixasse o Blackcastle — sobretudo os adeptos do Holchester que me odiavam por ter ido para a equipa rival.

Enquanto crescia, cruzei-me com muita gente que não acreditava em mim — professores que pensavam que nunca ia ser ninguém, adeptos de futebol que achavam que eu era um fiasco, imprensa que vasculhava todos os aspetos da minha vida — e não suportava dar razão aos que me criticavam.

— Não. Não foi porque perdemos — respondeu o treinador com brusquidão. — Foi porque o resto da equipa olha para os dois como exemplos a seguir, mas hoje deixaram que a vossa rivalidade estúpida afetasse o jogo. E o pior é que afeta o moral do plantel inteiro.

Deixámo-nos cair nas cadeiras sob o peso do olhar irado dele.

— Sempre tive a noção de que haveria um período de transição, mas pensei que seriam capazes de o ultrapassar e de fazer isto funcionar porque são adultos. No entanto, parece que lido com duas crianças, e agora aqui estamos, no fim da época, sem termos nada para mostrar a não ser uma montanha gigantesca de erros que podiam ter sido evitados se soubessem *trabalhar juntos, porra!* — A voz do treinador ergueu-se a cada nova palavra até ser alta o suficiente para se ouvir no outro lado da parede.

O burburinho vindo dos balneários diminuiu notoriamente e senti uma onda de vergonha a subir-me rosto acima.

A desilusão do treinador era quase tão insuportável como não ganhar o campeonato. Ele era o meu ídolo de infância, e a oportunidade de trabalhar com ele fora o principal incentivo para ter aceitado a transferência.

*Não* foi desta forma que nos imaginei a terminar a primeira época juntos.

Ao meu lado, o Vincent contorceu-se.

— *Mister*, eu...

— E nem me façás falar, DuBois. — O treinador interrompeu-o. — O que raio foi aquilo nos últimos vinte segundos? O Donovan estava mesmo ali. Devias ter-lhe passado a maldita da bola assim que viste uma linha de passe. Vês uma abertura, passas a bola. É o bê-á-bá do futebol!

O Vincent comprimiu os lábios. Não podia dizer em voz alta o que todos sabíamos: não quis passar-me a bola de imediato porque não queria que fosse eu a marcar o golo da vitória. A imprensa ia exhibir o remate vezes sem conta, e eu teria recebido toda a glória que o momento representava. O Vincent jamais suportaria semelhante coisa.

*Cabrão egoísta*. Não demorei a decidir se faria o mesmo caso estivesse no seu lugar.

O olhar do treinador endureceu. Era treinador há tempo suficiente para saber quais eram os verdadeiros motivos do Vincent sem este precisar de os verbalizar.

— Uma vez que se comportaram como crianças, vou tratar-vos como tal — continuou. — Normalmente, deixo os treinos depois da época ao critério de cada jogador, mas não é o que vai acontecer convosco. Este verão, vão ambos treinar-se na Real Academia de Ballet. Juntos.

— *O quê?*

Eu e o Vincent explodimos em uníssono.

O instinto de autopreservação não conseguiu sobrepor-se ao choque perante o veredito do treinador. Os clubes quase *nunca* determinavam como passávamos as férias depois de a época acabar. Os jogadores vinham de todas as partes do mundo, o que queria dizer que aproveitavam o verão para voltar a casa, ver a família e treinar-se como julgassem mais adequado.

— Já falei com a diretora da Royal Academy of Ballet, e ela concordou — continuou o Frank. — Não vos disse nada antes porque queria ver se conseguiam entender-se no último jogo e ganhar. Mas não aconteceu, por isso vão ter aulas com a mesma instrutora durante todo o verão. É uma das melhores e tem um grande conhecimento do mundo do futebol. Estarão em boas mãos.

Não queria estar nas mãos de ninguém a não ser nas minhas. Não que tivesse alguma coisa contra o *ballet*. Apesar de nunca ter feito treinos para empregar as técnicas da dança, sabia que alguns jogadores o faziam, e

diziam maravilhas sobre as melhorias na força, na flexibilidade e no trabalho de pés.

No entanto, já criara o meu plano de treinos. Não precisava de ter uma desconhecida aos saltinhos à minha frente e a dar-me ordens.

O Vincent endireitou as costas e o rosto assumiu um tom pálido fantasmagórico.

— *Mister*, não me diga que é a...

— A vossa instrutora será a Scarlett DuBois — confirmou o treinador com um sorriso desprovido de alegria. — Não têm de quê.

*DuBois?* Tipo...

— A irmã do Vincent? — exclamei de repente. — Só pode estar a brincar. Há aqui um claro conflito de interesses!

Não conhecia nem vira a irmã dele, mas já ouvira o Vincent falar da Scarlett. Os dois eram bastante próximos, para mal dos meus pecados. Não precisava de ter os irmãos DuBois a conspirar contra mim.

— Não quero treinar com a minha irmã — afirmou o Vincent. — Isso não é... *não*.

— Ainda bem que nenhum tem voto na matéria. — O volume da voz do Frank regressou a níveis normais, embora não menos cáusticos. — A diretora da companhia assegurou-me de que ela é a pessoa indicada e não deixará que os laços pessoais interfiram. Acredito nela. Isso significa que *vão* ambos treinar com a Scarlett e *vão* levar o treino a sério. E cavalheiros? — Trespassei-nos com um olhar gélido que continha um aviso. — Quando regressarem, é bom que me convençam de que conseguem trabalhar bem em conjunto, senão fazem a época toda no banco. Estou-me nas tintas para o facto de tu seres capitão e tu o melhor marcador. Estamos entendidos?

— Sim, *mister* — murmurámos os dois.

O treinador tomara a sua decisão. Não havia nada que pudéssemos fazer ou dizer para nos safarmos, o que queria dizer que ia ter de passar a porra do verão inteiro com os manos DuBois.

Cerrei o maxilar.

Pouco sabia sobre a Scarlett DuBois, mas tendo em conta que era irmã do Vincent, uma coisa era já bastante clara: não ia gostar dela.

Nem um bocadinho.